



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 13/02/2026 e 19/02/2026

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

**urante**ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560  
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL  
FONE: (55) 0\*\*55 3332-0487 FAX: (55) 0\*\*55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

### Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>13/02/2026</b>	11,33	309,20	57,08	5,48	4,31
<b>16/02/2026</b>	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
<b>17/02/2026</b>	11,34	305,80	57,29	5,37	4,26
<b>18/02/2026</b>	11,33	303,90	58,59	5,47	4,27
<b>19/02/2026</b>	11,41	304,80	59,68	5,59	4,25
<b>Média</b>	<b>11,35</b>	<b>305,92</b>	<b>58,16</b>	<b>5,48</b>	<b>4,27</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>		
RS – Nonoai	<b>118,00</b>	
RS – Não Me Toque	<b>117,00</b>	
PR – Pato Branco	<b>117,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>112,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>99,50</b>	
MS – Maracaju	<b>109,00</b>	
GO - Rio Verde	<b>110,00</b>	
BA – L.E.Magalhães	<b>113,00</b>	
<b>MILHO(**)</b>		
Porto de Santos	<b>66,00</b>	CIF
Porto de Paranaguá	<b>65,00</b>	CIF
Porto de Rio Grande	<b>SC</b>	
RS – Não-Me-Toque	<b>57,00</b>	
SC – Rio do Sul	<b>61,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>51,00</b>	
PR – Pato Branco	<b>56,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>51,00</b>	
MS – Maracaju	<b>52,00</b>	
SP – Itapetininga	<b>65,00</b>	
SP – Campinas	<b>68,00</b>	CIF
GO – Rio Verde	<b>56,00</b>	
GO – Jataí	<b>56,00</b>	
<b>TRIGO (**)</b>		
RS – Nonoai	<b>55,00</b>	
RS – Não Me Toque	<b>55,00</b>	
PR – Pato Branco	<b>65,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>61,00</b>	

Período: 18/02/2026

SC=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 19/02/2026**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
<b>R\$</b>	<b>58,81</b>	<b>118,25</b>	<b>55,00</b>

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
19/02/2026**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	<b>52,17</b>
Feijão (saco 60 Kg)	<b>136,00</b>
Sorgo (saco 60 Kg)	<b>52,00***</b>
Suíno tipo carne (Kg vivo)	<b>6,46</b>
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	<b>2,01**</b>
Boi gordo (Kg vivo)*	<b>11,20</b>

(\*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias

(\*\*) Referência Dezembro/25, cf. Cepea/Esalq

(\*\*\*) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

## MERCADO DA SOJA

Esta semana foi repleta de feriados. Nos EUA, segunda-feira (16) o mercado esteve fechado em função do Dia dos Presidentes. Aqui no Brasil, dias 16 e 17 tivemos o tradicional Carnaval, quando grande parte do país para. Mesmo assim, há notícias importantes a comentar.

Por um lado, as cotações da soja, em Chicago, continuaram com viés de alta, com o bushel da oleaginosa fechando a quinta-feira (19), para o primeiro mês cotado, em US\$ 11,41, contra US\$ 11,37 uma semana antes. O principal motivo é a escalada do óleo de soja naquela Bolsa, puxado pelos anúncios do Irã de que iniciaria manobras militares conjuntamente com a China e a Rússia. Ora, isso eleva os preços do petróleo que, por sua vez, puxa para cima os preços do óleo de soja. A libra-peso fechou neste dia 19/02 em 59,68 centavos de dólar, o mais alto valor desde o dia 02/10/2023, portanto, há mais de dois anos.

Afora isso, a principal notícia vem do início do tradicional Fórum Outlook do USDA, neste dia 19/02, onde as primeiras estimativas de área a ser semeada, para 2026/27, são anunciadas. Lembrando que a intenção de plantio será anunciada em 31 de março, que o forte do plantio se desenvolve em maio e que a área realmente cultivada nos EUA virá em 30 de junho. Dito isso, o Fórum indicou um expressivo aumento na área a ser semeada com soja neste novo ano. A mesma passaria a 34,4 milhões de hectares, contra 32,86 milhões no ano anterior. Ou seja, tem-se aí um aumento de 4,7%, o que seria baixista para Chicago. Já para o milho, a área projetada cai para 38,04 milhões de hectares, contra 39,98 milhões no ano anterior, ou seja, um recuo de 4,8%. Agora é esperar para vermos se tais projeções se confirmam na prática.

Por sua vez, na semana encerrada em 12/02, os EUA embarcaram 1,2 milhão de toneladas de soja, ficando dentro do esperado pelo mercado, porém, na ponta superior. Mesmo assim, em todo o atual ano comercial tais exportações atingem a 24,3 milhões de toneladas, ficando 32% abaixo do exportado no mesmo período do ano anterior. Deste total embarcado de soja pelos EUA, 57% teve a China como destino.

E aqui no Brasil os preços se mantêm estáveis, com leve viés de alta, diante das dificuldades de colheita no Mato Grosso, devido ao excesso de chuvas, e das perdas no Rio Grande do Sul devido a estiagem (preliminarmente, e de forma extra-oficial, o percentual de perdas ao redor de 30% do esperado circula entre os produtores rurais das principais regiões de produção do Estado).

Com isso, as principais praças gaúchas trabalharam com valores entre R\$ 117,00 e R\$ 118,00/saco, enquanto nas demais regiões do país os valores giraram entre R\$ 99,50 e R\$ 117,00/saco.

No Mato Grosso, nosso principal produtor da oleaginosa, a colheita da safra 2025/26 atingiu a 51% da área total do Estado no final da semana anterior. Apesar do clima, o ritmo está acima da média histórica, que é de 42,9% para este período. Por enquanto, estima-se uma produção final de 50,5 milhões de toneladas, com recuo de 0,74% sobre o recorde do ano anterior. Já o plantio do milho safrinha chegou a 46,1% da área esperada, ficando abaixo da média histórica, que é de 53% para o período. O excesso de chuvas mais uma vez deve alongar este plantio, trazendo possíveis problemas de

produção no final devido a parte do mesmo ficar fora da janela ideal. Aliás a Aprosoja/MT vem alertando para este problema desde o início de fevereiro.

Dito isso, no conjunto do Brasil, o total já colhido em soja alcança 22,3% da área semeada, contra a média histórica de 18,4% para este período (cf. Pátria AgroNegócios).

Por outro lado, segundo a Anec, a exportação de soja brasileira, em fevereiro, deve ficar em 11,46 milhões de toneladas, após a revisão dos números indicados na semana anterior. Mesmo assim, será um recorde para o mês, já que a máxima histórica foi no ano passado, com 9,73 milhões de toneladas. No primeiro bimestre do ano, as exportações somariam 13,9 milhões de toneladas. No total do ano a Anec estima exportações ao redor de 110 milhões de toneladas, após 108,7 milhões em 2025.

Enfim, em seu relatório de fevereiro, a Conab indicou uma safra final brasileira em 178 milhões de toneladas, mantendo 21,4 milhões para o Rio Grande do Sul, ou seja, não considerando as quebras já existentes no estado gaúcho. Aliás, setores privados do estado começam a apontar, apesar das chuvas do último final de semana, uma produção final ao redor de 18 milhões de toneladas, lembrando que se os 30% estimados de quebra realmente se confirmarem, o estado colheria apenas 15 milhões de toneladas neste ano. Mas, como a soja tem um forte poder de recuperação e a chuva retornou na maioria dos locais de produção, é importante esperar a evolução das lavouras até meados de março. Porém, como já frisamos no comentário passado, o volume inicialmente esperado e ainda indicado pela Conab, não será alcançado, havendo perdas consolidadas.

## MERCADO DO MILHO

Nesta semana cheia de feriados, aqui e nos EUA, o bushel do milho, em Chicago, acabou recuando um pouco, após ensaiar uma pequena reação. O fechamento desta quinta-feira (19) ficou em US\$ 4,25 para o primeiro mês cotado, contra US\$ 4,31 uma semana antes.

Enquanto o Fórum Outlook do USDA projeta uma redução na área estadunidense do cereal em 4,8%, como já indicamos anteriormente, as exportações de milho pelos EUA continuam firmes. Na semana encerrada em 12/02 o volume atingiu a 1,5 milhão de toneladas, superando o esperado pelo mercado. Com isso, o total já exportado, no atual ano comercial, chega a 35,7 milhões de toneladas, superando em 44% o volume exportado no mesmo período do ano passado.

E aqui no Brasil, os preços do cereal continuaram estáveis, com algum viés de alta. As principais praças gaúchas praticaram valores entre R\$ 56,00 e R\$ 57,00/saco, enquanto nas demais praças nacionais os valores giraram entre R\$ 51,00 e R\$ 65,00/saco. Já na B3, o fechamento do dia 18/02 apontou que o vencimento março/26 foi cotado a R\$ 70,95/saco, maio/26 valeu R\$ 70,39, julho/26 foi negociado por R\$ 68,65 e o setembro/26 ficou em R\$ 68,18/saco.

Por enquanto, a colheita da safra de verão, e as dificuldades em exportar maior volume de milho, dada a forte concorrência dos EUA, têm segurado os preços do cereal

nacional. Neste último caso, segundo a Anec, para fevereiro espera-se exportação ao redor de 1,12 milhão de toneladas, contra 1,32 milhão no mesmo mês de 2025. Para o segundo semestre, o comportamento dos preços irá depender da safrinha, porém, há expectativas de melhoria de preço graças a uma demanda interna que está mais forte nestes últimos anos, particularmente quanto ao uso do milho para a fabricação de etanol.

Dito isso, o plantio da safrinha, no Centro-Sul brasileiro, atingia a 31% da área esperada até o dia 12/02, contra 36% no mesmo período do ano passado (cf. AgRural). Por sua vez, a colheita do milho verão atingia a 22% da área na mesma região, contra 29% um ano atrás nesta época. Há perdas no Rio Grande do Sul devido a estiagem.

Por outro lado, em todo o Brasil, segundo a Conab, o plantio da safrinha atingia a 32,2% da área até o dia 14/02, sendo que a média histórica é de 38,6%. Até a data indicada, o Mato Grosso havia semeado 52,7%, Tocantins 30%, Paraná 22%, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul 14%, Maranhão 10% e Goiás 7%. Ao mesmo tempo, a colheita da safra de verão teria alcançado 14,9% no país, contra 18,2% da média. Até então, o Rio Grande do Sul havia colhido 49% da área, Paraná 18%, Santa Catarina 16%, São Paulo e Bahia 3%.

Enquanto isso, segundo o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária), o custo de produção para o milho da safrinha 2026/27 deverá ser 7,2% maior do que em 2025/26, sendo estimado em R\$ 3.558,08 por hectare. “Diante deste custeio, o custo operacional efetivo (COE) registrou alta de 9,46% no comparativo de safra, com média de R\$ 5.260,69/ha, indicando maior desembolso direto do produtor. Já o custo operacional total (COT) apresentou incremento de 8,08%, fechando em R\$ 5.830,02/ha, movimento associado ao avanço dos custos operacionais e de manutenção das lavouras. Por fim, o custo total (CT) apresentou elevação de 6,36% frente à safra anterior, finalizando na média de R\$ 7.153,73/ha”. Portanto, diante de preços baixos, este é mais um ano de preocupações ao produtor mato-grossense na questão econômica-financeira da safra do cereal, lembrando que a comercialização da safra 2026/27 ainda não teria iniciado.

Enfim, em termos conjunturais, neste momento os produtores tentam vender menos milho visando melhorar os preços, porém, os compradores relutam em aceitar novos preços.

## MERCADO DO TRIGO

Nesta semana de feriados, o bushel de trigo, em Chicago, após recuar, disparou para US\$ 5,59 para o primeiro mês cotado, no fechamento do dia 19/02, contra US\$ 5,52 uma semana antes, se mantendo bastante firme em relação aos piores momentos de meados de janeiro.

O mercado está atento ao ritmo das exportações estadunidenses de trigo diante da competitividade dos outros países exportadores. Enquanto isso, tais exportações, na semana encerrada em 12/02, atingiram a 375.402 toneladas, ficando pouco acima do nível inferior esperado pelo mercado. Com isso, o total já exportado pelos EUA, no

atual ano comercial, soma 17,7 milhões de toneladas, ficando 19% acima do exportado no mesmo período do ano anterior.

Dito isso, a principal notícia vem da Argentina, onde a oferta total de trigo, somando a última colheita recorde e os estoques, alcança 31,1 milhões de toneladas. O vizinho país já teria exportado 9,4 milhões de toneladas em menos de três meses (seu ano comercial iniciou em dezembro/25). Tal volume está 4,6 milhões de toneladas acima do executado no mesmo período do ano anterior e está 87% acima da média dos últimos cinco anos. A oferta total indicada está 50% acima da média da última década. Ou seja, estamos diante de uma superoferta de trigo por parte da Argentina, transformando seu trigo no mais competitivo do mercado mundial neste momento. Com isso, fica ainda mais em conta importar trigo do vizinho país, impedindo que os preços brasileiros reajam. Tanto é verdade que nestes primeiros meses de exportação, o Brasil é o quarto principal destino do produto argentino, com pouco menos de um milhão de toneladas compradas. Vietnã, Indonésia e Bangladesh concentraram 54% das exportações nos três primeiros meses das vendas 2025/26 da Argentina, com mais de cinco milhões de toneladas embarcadas. A China, que tradicionalmente compra volumes esporádicos da Argentina, já soma 381.000 toneladas nesta temporada. Países como Argélia, Tailândia e Marrocos receberam entre 300.000 e 420.000 toneladas cada, enquanto mercados regionais como Equador, Chile e Peru superaram 100.000 toneladas. A presença argentina também avança por países da África e da Ásia. Até agora, 15,3 milhões de toneladas da safra 2025/26 já estariam comprometidas, o equivalente a 55% da colheita total. Ainda restam 45% disponíveis, o que mantém a perspectiva de continuidade no ritmo forte de embarques. Lembrando que o vizinho país é o último dentre os grandes exportadores a colher sua safra. Com Estados Unidos, Rússia, União Europeia e Austrália já avançados em seus programas de exportação, a menor disponibilidade dessas origens amplia a janela comercial argentina no primeiro trimestre do ano. Lembrando ainda que o Brasil importa da Argentina, atualmente, até 70% de suas compras externas do cereal. Assim, o comportamento do trigo argentino seguirá como variável central na formação de preços internos em 2026 (cf. Bolsa de Cereais de Rosário e Conab).

Pelo sim ou pelo não, o fato é que o recente cenário de preços no mercado do trigo brasileiro foi moldado pela ampla oferta global em geral e pela oferta argentina em particular. Tem muito trigo no mundo, além de o câmbio no Brasil, com o Real na casa dos R\$ 5,20 a R\$ 5,25 por dólar, favorecer as importações. Isso também dificulta as exportações. Mesmo assim, neste último caso, a julgar pela contratação de navios, o Brasil deve alcançar, até o final de fevereiro, exportações ao redor de 1,4 milhão de toneladas no acumulado do ano comercial 2025/26, iniciado em agosto/25. “A origem dos embarques permanece altamente concentrada no Rio Grande do Sul, responsável por 98% do volume total registrado para exportação, enquanto o Paraná fica com 2%. Quanto ao destino de nossas exportações de trigo, a predominância é a Ásia. O Bangladesh lidera as aquisições, com 418.303 toneladas, respondendo por cerca de 29% do total exportado no período. Na sequência, o Vietnã registra 349.095 toneladas, correspondente a aproximadamente 24%. A Indonésia aparece com 139.447 toneladas. Além dos mercados asiáticos, a cabotagem interna soma 155.700 toneladas, refletindo transferências entre regiões do próprio país. Entre os destinos adicionais, destacam-se o Quênia (117.940 toneladas), a Nigéria (104.500 toneladas), o Equador (52.000 toneladas), a África do Sul (37.935 toneladas), a República Dominicana (33.000 toneladas) e a Mauritânia (15.400 toneladas). Já em termos de

importação do cereal, o país acumula 3,07 milhões de toneladas no atual ano comercial, considerando já os volumes programados até março/26. Sob a ótica regional, os desembarques permanecem fortemente concentrados em poucos estados. O Ceará lidera as importações, com 650.955 toneladas, respondendo por 21,2% do total. São Paulo aparece logo em seguida, com 644.216 toneladas (21,0%), confirmando seu papel como principal porta de entrada do trigo destinado ao Sudeste. Na sequência, destacam-se a Bahia, com 412.050 toneladas (13,4%), e Pernambuco, com 367.880 toneladas (12,0%). Esses quatro estados concentram mais de dois terços de todo o trigo importado no período indicado. Depois vem o Rio de Janeiro com 259.693 toneladas (8,4%), enquanto Paraná e Rio Grande do Sul registram volumes semelhantes, de 161.405 toneladas e 159.490 toneladas, respectivamente, cada um com 5,2% de participação. Estados adicionais, como Paraíba (119.959 t / 3,9%), Sergipe (93.100 t / 3,0%), Pará (74.600 t / 2,4%) e Espírito Santo (65.650 t / 2,1%), completam o quadro, com participações mais fragmentadas. Maranhão, Amazonas e Santa Catarina respondem juntos por parcela residual do total". No período, os principais exportadores ao Brasil são, obviamente, a Argentina, com mais de 60%, seguida do Uruguai e EUA (cf. Safras & Mercado).